

**II Goiás
Vive Verão**



GOIÁS INDUSTRIAL

Órgão da Federação das Indústrias do Estado de Goiás

ANO XVII

MAIO/JUNHO DE 1988

Nº. 109



GO-060

A RODOVIA DOS ROMEIROS

Euvaldo Lodi, grande exemplo

Euvaldo Lodi é o nome de um grande brasileiro: industrial competente, político e constituinte de respeito, dinâmico homem público e, acima de tudo, uma pessoa profundamente voltada para os problemas sociais. É uma pessoa de grandes exemplos. Fundador da Confederação Nacional da Indústria (CNI), do Senai e do Sesi, o mineiro Euvaldo Lodi disse, em 1951:

“O capital precisa beneficiar o ambiente e se solidarizar com a vida das classes menos favorecidas, ajudando a melhoria de vida, do poder aquisitivo e das condições gerais de dignidade de vida do trabalhador”.

Euvaldo Lodi nasceu na tradicional cidade mineira de Ouro Preto, no dia 9 de março de 1896. Morreu num desastre automobilístico no dia 18 de janeiro de 1956, às vésperas de completar 60 anos. Estudou em Ouro Preto onde se formou em Engenharia Civil e de Minas. Começou a vida pública na construção de estradas bem como na exploração de minas de ferro e carvão. Instalou altos-fornos em Minas Gerais, fundou a Usina Gorceix, dirigiu a Cia Ferro Brasileiro, a Cia Industrial de Ferro, a Cia Carbonífera Metropolitana, a Rheem Metalúrgica e a Fábrica de Tecidos de Seda Santa Helena. Como deputado federal participou da Constituinte (1933/34), quando advogou e defendeu a tese de que as riquezas do subsolo deviam pertencer à União bem como a nacionalização progressiva dos bancos de depósitos. Ainda como deputado ocupou a vice-presidência da Câmara Federal até novembro de 1937.

Graças a sua versatilidade e conhecimentos dos problemas industriais, foi eleito presidente do Centro Industrial e da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro. Em seguida, em 1938, juntamente com Roberto Simonsen e Morvan Dias de Figueiredo, fundou a Con-



Como presidente da CNI, Euvaldo Lodi (centro) visita o Senai do Paraná, acompanhado do presidente da Fiep, Heltor de França e o diretor, Flausino Mendes.

federação Nacional da Indústria. Depois, o Senai (1942) e o Sesi (1946). Euvaldo foi presidente da CNI de 1938 até 1954.

Senai e Sesi

Em aula inaugural perante a Congregação da Universidade Internacional de Estudos Sociais, em Roma (1952), Euvaldo Lodi explicou, detalhadamente, a relação íntima existente entre o Senai e o Sesi. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial tinha por objetivo educar, adestrar, aperfeiçoar a mão-de-obra, pô-la a altura das exigências do desenvolvimento industrial do Brasil. Não recrutava elementos sem destino, nem formava técnicos para depois solicitar emprego: “Quer apurar a mão-de-obra colhida já na experiência das fábricas”. Sem desprezar os adultos, o Senai visava ao imediato aproveitamento da juventude. “o elemento plástico por excelência”. E o fazia sem exclusivismo, aceitando jovens aprendizes de 14 a 18 anos, alguns dias por semana, sem prejuízo do salá-

rio, a fim de melhorar o seu treinamento industrial. Entretanto, com a proliferação das escolas do Senai, que já naquele ano passavam de cem em todo o território nacional e abarcavam as mais variadas técnicas industriais, surgiu um problema delicado. Os jovens aprendizes, ganhando mais, com um padrão de vida e um nível intelectual acima dos da família, em breve revelavam sinais de desadaptação à antiga vida familiar. Para integrar a obra do Senai, para complementá-la, fazia-se necessário restabelecer a segurança pessoal do aprendiz e isto só se poderia fazer pela assistência a sua família. Impunha-se a criação do Serviço Social da Indústria.

A campanha desenvolvida pelos três pioneiros — Roberto Simonsen, Euvaldo Lodi e Morvan Dias de Figueiredo — se viu coroada de êxito. Os industriais, que pagavam ao Senai uma cota mensal correspondente a 1% sobre a despesa de mão-de-obra na fábrica, concordaram em pagar mais 2% ao Sesi. Assim nasceu o Serviço

Social da Indústria, criado por decreto sancionado pelo presidente Eurico Dutra.

Euvaldo Lodi declarava que o objetivo legítimo do Sesi era a educação social. Com as cotas pagas pelos industriais, o Serviço planejava — e já em grande parte o fazia — estender os benefícios da boa alimentação, da boa habitação, da higiene, dos desportos e da educação ao trabalhador e a sua família, contribuindo, assim, para a desejada paz social no Brasil.

Com orgulho e obstinação compreensíveis, Euvaldo Lodi sempre destacou o caráter particular do Sesi, que, embora preste serviço de interesse público, é uma entidade de direito privado, como criação voluntária dos industriais.

A assistência prestada pelo Sesi — declarou Euvaldo Lodi em Roma — tinha por finalidade ajudar o trabalhador a ajudar-se. Não era um favor, não era um gesto de caridade, não tinha a intenção paternalista, era um dever indeclinável dos industriais para com os seus auxiliares na produção da riqueza.

Forte liderança

Euvaldo Lodi empunhou com firmeza a bandeira do desenvolvimento econômico e industrial. Não deixou sem consideração qualquer dos fatores do progresso nacional — a agricultura, a indústria, o trabalhador. Assumiu, durante todo o período da sua gestão na presidência da Confederação Nacional da Indústria, não apenas a posição de líder da indústria, mas a de campeão da economia nacional. Costumava dizer que a indústria é inteligência — e sabia muito bem que essa inteligência se verificava e adquiria novas forças na existência, na ampliação e no aperfeiçoamento de uma agricultura que correspondesse às necessidades do País e aos melhoramentos técnicos do nosso tempo e numa classe trabalhadora sadia, instruída, capaz de manejar as máquinas com que o homem pode construir a sua felicidade.

A sua liderança da economia nacional tinha ainda outro objetivo: a independência. Somente pela industrialização — a industrialização no sentido em que usava a palavra, de pleno desenvolvimento



Lodi (sentado) nas dependências do Sesi paranaense, ouve Heltor de França (1955)

das nossas possibilidades econômicas em todos os setores de atividade — poderíamos escapar à situação, a que parecíamos condenados, de país subdesenvolvido.

A essa industrialização deveria corresponder a criação de um vasto mercado interno no Brasil. Daí a sua pregação a favor da industrialização do Nordeste, utilizando a energia de Paulo Afonso, e a sua advertência de que a Amazônia estava sob ameaça internacional, pela negligência brasileira na exploração dos seus recursos em petróleo e carvão. Daí a sua luta por que os capitais estrangeiros fôssem compelidos a comportar-se de maneira a ajudar o progresso do nosso País — e não a exaurir as nossas reservas. Daí o repelão com que brindou Mr. Abbink, as suas restrições ao Plano Marshall, a rude franqueza com que falou aos capitalistas em Nova Iorque.

A expansão econômica, nas cidades e nos campos, visando a in-

dependência nacional, não podia ser obtida sem a colaboração do trabalhador, sem a sua preparação para as novas tarefas que dele se exigem. A criação do Senai, a difusão das suas escolas de aprendizagem industrial por todos os recursos do país e a extensão dos benefícios assistenciais do Sesi ao trabalhador e a sua família, eram, assim, elementos essenciais na guerra que Euvaldo Lodi declara contra o pauperismo. A indústria deveria transformar a paisagem social do Brasil, elevá-lo da pobreza a prosperidade e, daí, a independência; mas o trabalhador, braço da indústria, não seria esmagado ou aniquilado no processo, antes se ergueria, cada vez mais forte, inteligente, capaz, sempre à altura dos novos e múltiplos deveres do engrandecimento da pátria.

A estes altos objetivos dedicou Euvaldo Lodi todos os momentos da sua profícua atuação na vida pública.